

PARADOXOS DO DESEJO: Do *Um* ao *Sinthome*¹

Lutamos por homens e mulheres cuja poesia não foi ainda escrita.

Robert Gould Shaw

A ética da psicanálise depende de um despojamento e uma insistência em uma poética das relações. O trabalho com a psicanálise, na clínica ou no social dependerá sempre de *um* encontro com o outro. Muitas práticas também exigem esse encontro. Contudo, o que distingue radicalmente a psicanálise é o respeito ao abismo do Real entre o eu e o outro.

A tendência, hoje, é higienizar o «imundo» banindo da realidade o que nos lembra nossa precariedade, finitude e conflito, abolindo as diferenças com discursos de promessas globalizadas de saúde e felicidade. É grande a tentação de cair nas «fórmulas fáceis» que reduzem um sujeito a seu organismo e comportamento. Entre os analistas, todavia, a aposta é, através de um laço de trabalho, insistir no Real da trágica experiência humana, na contracorrente das políticas/práticas totalisantes/universalisantes: disso depende sua ética e sua política.

Assim sendo, no que diz respeito à formação dos analistas, que implica seja nossa posição na clínica seja no trabalho junto a outros campos de intervenção, é fundamental que se insista na *escuta das sonoridades singulares* em seu (des)encontro, talvez como forma única de emergência de novas escrituras e modos singulares de transmitir a psicanálise sem perdermos de vista as questões:

- O que podemos enquanto seus operadores éticos, *apostadores no triunfo do sujeito em agir em conformidade com seu desejo*, mesmo em uma sociedade em agonia?

¹ Texto apresentado no VIII Congresso Internacional de Convergência-Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana, *QUAL ÉTICA PARA A PRÁTICA PSICANALÍTICA NA ATUALIDADE?*, 24, 25, 26 e 27 de maio de 2023. Trabalho Institucional da Escola Lacaniana de Psicanálise de Vitória-ELPV. Grupo de Trabalho: Darlene Gaudio A. Tronquoy, Maria Celeste Faria, Renata Conde Vescovi, Maria Cecília Oliveira, Ruth Ferreira Bastos, Felipe Candido da Rocha.

- Como estabelecer o elo entre o sujeito a agir segundo seu desejo se sua implicação no destino da sociedade em que habita não lhe é dado conhecer?

Não queremos responder essas questões, mas apenas abrir vias que nos coloquem no rastro da subjetividade de nosso tempo, sem o quê nossa tarefa não encontrará seus efeitos. Por isso tomaremos aqui a segregação em seu sentido o mais amplo como talvez sendo a marca mais profunda de nossa época: ela joga ao mar, todos os dias, corpos desesperados em busca de um exílio acolhedor. Segregados em uma «galé social» o sujeito pós-moderno, «encontra-se» exilado da existência.

A *segregação* é, hoje, um sintoma social do qual dele ainda não testemunhamos todas as consequências, como nos indicou Lacan em seu tempo. Ainda que já viéssemos teorizando seus efeitos, a pandemia que recentemente vivemos os desvelaram violentamente. Não temos outra saída senão tirarmos daí os ensinamentos de um «despertar» provocado por esse Real que atravessou o mundo nos interrogando sobre nossa, a dos analistas, práxis: a intimidade da clínica, a formação e mesmo sobre nossa perspectiva de olhar sobre o social, sobre nossa contemporaneidade.

Lacan nos adverte que teríamos que lidar com a segregação, não somente no domínio psiquiátrico, mas de forma generalizada. «A entrada no reino da criança generalizada é a entrada no reino da segregação». Estaríamos hoje às voltas com essa criança «generalizada», caprichosa, envolta pelo narcisismo primário, que «preserva sua libido ao egoísmo de sua autopreservação» (FREUD, 1974, p. 214) e por isso intolerante às diferenças, não raro, malancolizada e prestes a se lançar no vazio de sua existência? Muitas vezes são sujeitos que vociferam, insultam sob o imperativo de um supereu arcaico exigente de um gozo sem freios.

Desresponsabilizados de sua palavra, encontram-se imersos no empobrecimento do discurso. Privados da mediação simbólica que introduz nas certezas paranoicas o benefício da dúvida, repudiam a metáfora como recurso sublimatório às brechas na linguagem que nos levam às enunciações e nos convocam a extrair um saber novo daquilo que sempre resta por dizer.

Desde Marx, sabemos que o homem inventou a mais sofisticada forma de exploração. Freud o denuncia à sua maneira, e Lacan (1992, p. 76) afirma: «O que Marx denuncia na mais-valia é a

espoliação do gozo». Memorial do mais-de-gozar, sendo seu equivalente, ela define a «sociedade dos consumidores». Nela, o que qualificamos como «humano» se torna homogêneo a este mais-de-gozar forjado pela indústria. A «mais-valia» imprimiu sua marca e o Capitalismo que dela se nutre não para de sofisticar tal forma de exploração que remexeu a Terra, provocou guerras e ondas migratórias gigantes que não cessam.

O «progresso» modificou profundamente o cotidiano das pessoas. Basta compararmos os séculos anteriores à dita «Revolução Industrial» e nossos tempos. Ele trouxe transformações que incluem uma parcela da população mundial, todavia, uma grande massa de pessoas no mundo dele estão literal e cruelmente excluídas. Não há tapete que dê conta de esconder essa «realidade». A exclusão, a segregação, está em toda parte!

Freud, em o «Mal-estar na Cultura», considerava ingênua a ideia de que o «progresso» poderia dar conta do *unbehagen*, do mal-estar inerente à *kultur*. Escrito em 1929, esse texto anuncia o fracasso da promessa iluminista de felicidade e bem-estar coletivo, o fracasso da racionalidade para controlar as mazelas produzida pelas «conquistas civilizatórias». Os homens, nos disse aí Freud (1974, p. 133), «não são criaturas gentis», dispostas a ajudar e a se deixarem amar. São criaturas dispostas à agressividade cujo próximo não passa de um «ajudante» ou «objeto sexual», sempre dispostas a assim tomá-los sem o seu consentimento, a se apoderar de seus bens, a explorar seu trabalho sem a devida compensação, a humilhá-lo, causar-lhe sofrimento e morte, ainda que disponham, essas «criaturas», das saídas sublimatórias, do amor, da Arte, nenhum «projeto» é capaz de eliminar da vida o sofrimento, a infelicidade. É diante disso, desse Real, que devemos interrogar nossa prática e ética.

O dever ético de Freud o levou seguir em seu percurso sem apagar os rastros do que o havia precedido. Seu rigor e ética nortearam suas ações em relação ao que a comunidade científica e a sociedade de seu tempo poderiam esperar dele. Contudo não foram suficientes para que a «estética da recepção» de seu público aceitasse a verdade do que enunciou: o desvelamento das leis do inconsciente e suas relações com a sexualidade e a morte. Foi, então, de uma posição «exilada», «segregada», que Freud prossegue, solitariamente, em seu árduo trabalho: a invenção da clínica suportada pela Psicanálise.

É também em posição de «herege, expulso, exilado e segregado» de sua «sociedade» que Lacan refunda e leva às últimas consequências a virulenta via inaugurada por Freud para abordar a clínica e a formação do psicanalista. Para tanto, ambos se apoiaram em uma ética sustentada por uma posição de *extimidade*. Assim, foram «contemporâneos» pois, ainda que imersos em suas realidades históricas, a partir de suas posições «segregadas» puderam lançar luz nas trevas e na subjetividade de seus tempos (AGAMBEN, 2009, p. 28).

Deparando-se com seus paradoxos, Lacan explicita que o «dever ético» tanto do sujeito quanto do psicanalista é «agir em conformidade com o desejo que o habita». Assim, em seu Seminário *A Ética, livro 7*, nos coloca diante de questões que nos desafiam em nossa singularidade, na clínica, bem como em nossa responsabilidade frente ao coletivo. Nele Lacan tratou de retirar a ética do campo da moral – subvertendo a ética Aristotélica – para ressitua-la no campo do desejo, do erotismo.

No que diz respeito ao homem, não há progresso, nos diz Lacan (1976-77, p. 13). A cada sujeito que vem ao mundo, a lei civilizatória precisa ser reeditada. Prova disso é que nações mundo afora, tendência atual, vêm se enredado em um processo galopante de invasões de cunho nazifascista nos levando a um sério questionamento sobre nossa função frente ao que se passa: como encontrar e estabelecer o elo entre o sujeito a agir segundo seu desejo, o mais íntimo, e sua implicação no destino de seu mundo ? Isso é possível ? Para Lacan, a posição do poder frente ao desejo nos deixa um enigma. Ele diz, indagando:

O que teria proclamado Alexandre Magno ao entrar triunfalmente em Persépolis, ou Hitler chegando em Paris? Não importa, mas provavelmente isto: *Vim liberá-los disto ou daquilo*. O essencial é isto – *Continuem trabalhando. Que o trabalho não pare*. O que quer dizer – *Que esteja claro que não é absolutamente uma ocasião para manifestar o mínimo desejo*. A moral do poder, do serviço dos bens é – *Quanto aos desejos, vocês podem ficar esperando sentados* (LACAN, 1988, p. 378).

O alerta de Lacan nos faz imaginar a cena considerando a banalização do mal: ao longo de sua permanência vamos nos nos acomodando... porém, outro caminho é abrir bem os olhos e

ouvidos! Para tanto, no campo da psicanálise, temos o discurso do analista, que não é propriedade dos psicanalistas, efeito de um dizer, mas ele está sempre ameaçado de ser *verwefung* do laço social. É, pois, responsabilidade ética do psicanalista dialogar com outros saberes levando em conta a subjetividade tecida pelos enunciados discursivos de sua época oferecendo seu grão de saber. Mas como? A psicanálise ainda é subversiva? O que ela pode, diante das promessas atuais de felicidade?

Se há algo próximo à felicidade, diante do ingovernável da pulsão de morte, «só se for por magia», ou seja, quando, paradoxalmente, reconhecemos o impossível de «alcançá-la, uma vez que a medida do agir humano é sua *hybris*, com sua prepotência e seus excessos» (AGAMBEN, 2007, p. 23). E *hybris* é um dos nomes do gozo parasitário do sintoma, daquilo que inscrito pelo *Um* que particulariza um sujeito, mas que se faz força constante a espreitar o homem de dentro dele mesmo tornando-o seu próprio inimigo fazendo-o buscar na cultura o abrigo para o seu desamparo.

Talvez possamos chamar de « desafio »... hoje, o nosso, não só no campo psicanalítico, mas em outros, e mesmo em conexão com a psicanálise, é o de sustentar «éticas» que enlacem, no coletivo, a pluralidade, estabelecendo «poéticas de relações horizontais» como nos propõe Édouard Glissant (2021). O poeta nos convida a nos deixarmos atravessar pelo que chama de «pulsão poética da linguagem», «dimensão política de denúncia da violência» que segrega vozes diversas decorrentes do colonialismo norte americano e eurocêntrico (GLISSANT, 2021, p.13). É um ato político deixar-se contaminar pela «errância e multiplicidade sonora de outras culturas» estabelecendo «poéticas de relações» (idem, p. 21).

Tal experiência provoca o encontro com o estrangeiro em nós, com nossa alteridade, abrindo a possibilidade para tecer narrativas que respeitem as diferenças discursivas, a fratura do Real que nos é comum. É possível suportar o abalo que a alteridade presente no discurso do diferente produz em nós sem segregá-lo? É possível nos atrevermos a experimentar poéticas de relações que nos separem de nossa «geopolítica» para habitarmos um espaço cuja paisagem é o dizer que causa dissonância nos atravessando no encontro com o outro?

A tarefa política e poética de Glissant faz pensar no trabalho dos analistas em *Convergência*, na sobrevivência da psicanálise. Se ela tem alguma chance de seguir, é justamente abrindo-se a sonoridades singulares que ressoam de um dizer se inscrevendo em alguns outros produzindo modos distintos de transmitir a psicanálise, não sem o rigor dos conceitos estabelecidos por Freud e Lacan.

A tarefa de transmitir o intransmissível da psicanálise depende do luto do analista realizado em sua experiência no divã. Despojar-se de seu narcisismo e abrir-se ao encontro com a alteridade que se apresenta no outro, isso requer o que Glissant nomeou de «separação dos preconceitos monolíngues», pois a ideia de que «minha língua é a minha raiz e dela não posso me separar para abrir-me a outras sonoridades» pode nos deixar narcisicamente paralisados, enfatuados, como se houvesse apenas um só modo de transmissão de saber. «Afinal, o que se tem a fazer de novo quando se crê que apenas uma única língua pode nos dar a chave do progresso?» (GLISSANT, p. 24).

Podemos então afirmar que nossa ética deve ser contemporânea? Que ela deve nos permitir seguir construindo “picadas” na mata civilizatória, aguardando sem esperar, para extrair algum saber da claridade traçada pelo efeito do «insucesso» – *l'insu que sait* – que o inconsciente, em sua dimensão privada e pública, produz no discurso de sua época? Pode, uma «poética das relações», nos auxiliar no agenciamento de uma passagem do *Um ao sinthome*?

REFERÊNCIAS

BECKETT, Samuel. *Esperando Godot*. Tradução: Fábio de Souza Andrade. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

ÉDOUARD, Glissant. *Poética da Relação*. Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 17, o avesso da psicanálise (1969-1970)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.

_____. *Le Séminaire, livre 24 : L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre-1976-77, versão online Staferla* (Inédito).

FREUD, Sigmund. «O Mal-Estar na Civilização». In: *Obras completas*. Tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago Editora LTDA, 1974, v. XXI.